

INTERNATIONALI NEGOTIA
EDITORIA
SUBSECRETARIA INTERNACIONAL

LAURA RODRIGUES FERREIRA LUGON

**CONSELHO DE SEGURANÇA DAS NAÇÕES UNIDAS:
GUERRA DO VIETNÃ (1955 - 1975)**



MODELO INTERNACIONAL DO BRASIL

BRASÍLIA, DF

2024

INTERNATIONALI NEGOTIA
EDITORIA
SUBSECRETARIA INTERNACIONAL

LAURA RODRIGUES FERREIRA LUGON

**CONSELHO DE SEGURANÇA DAS NAÇÕES UNIDAS:
GUERRA DO VIETNÃ (1955 - 1975)**

BRASÍLIA, DF

2024

Not everyone who lost his life during the Vietnam war died there. Not everyone who came home from Vietnam ever left there.

John McCorkle

RESUMO

O presente Guia de Estudos visa equipar alunos com informações necessárias para conduzir debates acerca do tema “Guerra do Vietnã”, no contexto do Conselho de Segurança das Nações Unidas. O artigo aborda um panorama com múltiplas informações sobre a importância da Guerra do Vietnã no contexto global, bem como suas consequências para a política internacional. Ao final, também encontra-se um breve resumo sobre o funcionamento e a importância do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Palavras-chave: Vietnã, Vietcong, Conselho de Segurança das Nações Unidas, Indochina, independência, Guerra, Estados Unidos da América, União Soviética, socialismo.

ABSTRACT

The present Study Guide aims to equip students with the necessary information so that debates on the topic “Vietnam War” within the context of the United Nations Security Council measures. The following article provides an overview with multiple pieces of information about the significance of the Vietnam War in the global context, as well as its consequences for international politics. Towards the ending there is also a brief summary on the functioning and importance of the United Nations Security Council.

Keywords: Vietnam, Vietcong, United Nations Security Council, Indochina, Independence, War, United States of America, Soviet Union, Socialism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 SOBRE O VIETNÃ.....	7
3 CONTEXTO HISTÓRICO.....	8
3.1. Colonização e Independência.....	8
3.2. Primeira Guerra da Indochina.....	11
3.3. A Guerra Fria.....	13
4 A GUERRA DO VIETNÃ.....	14
4.1. A extensão do conflito.....	14
4.2. O Pós-Guerra.....	19
5 INTRODUÇÃO ÀS NAÇÕES UNIDAS.....	20
5.1. O Conselho de Segurança.....	20
5.2. Funcionamento do Conselho de Segurança das Nações Unidas.....	22
5.3. Importância do Conselho de Segurança na Guerra do Vietnã.....	23
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25
ANEXO I - POSICIONAMENTO DOS PAÍSES.....	26

1. INTRODUÇÃO

Um dos conflitos mais relevantes para a compreensão do mundo durante e pós-Guerra Fria definitivamente é a Guerra do Vietnã. Especialmente por simbolizar uma derrota do ocidente (liderado pelos Estados Unidos da América), sobretudo em um período de grande tensão e bipolaridade política, o conflito no Vietnã é um exemplo capaz de demonstrar a força da resistência de um povo amplamente explorado por séculos.

A Guerra do Vietnã ocorreu entre os anos de 1955 e 1975, e dividiu o país em Vietnã do Norte (apoiado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e China) e Vietnã do Sul (apoiado pelos Estados Unidos da América e França). Esse caso aborda, principalmente, complexas dinâmicas de poder do mundo e demais consequências sociais, para os civis locais, vítimas de todo o conflito, e para a sociedade global de modo geral.

Algumas das consequências do combate incluem a opção de muitos países em evitarem, ao máximo, extensivas guerras terrestres, e proporcionou novas elaborações de planos para conflitos entre nações no século XX e XXI. A Guerra do Vietnã, por se tratar de um conflito essencialmente colonialista, em que o país lutou bravamente por sua independência, foi uma oportunidade aproveitada pelas grandes potências da Guerra Fria para expandirem suas zonas de influência no mundo, visando, na ótica de cada um deles, tornar o Vietnã um aliado estratégico.

Outro relevante aspecto desse conflito específico é que foi o primeiro conflito global a ser televisionado, o que auxiliou na construção da narrativa de combate que, em grande parte, proporcionou a ampliação do senso crítico da sociedade diante da tensão vivida na época. É o início da era digital também para os conflitos armados, que ampliaram a democratização da informação. Uma reação em cadeia de grandes proporções foi gerada a partir disso, em que civis ao redor do mundo manifestaram-se em prol da paz. Protestos com dizeres como “*Give Peace a Chance*”, “*End the War in Vietnam*” e “*Make Love Not War*” simbolizam o sentimento principalmente dos jovens da época em resistir e se posicionar contrariamente aos conflitos.

Dessa forma, portanto, o objetivo do presente Guia de Estudos é fornecer informações suficientes para que os(as) senhores(as) delegados(as) possam efetuar debates, no âmbito do Conselho de Segurança das Nações Unidas, acerca das implicações da Guerra do Vietnã no restante do mundo, para além da dualidade enfrentada entre Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

2. SOBRE O VIETNÃ

O território onde atualmente se localiza o país Vietnã fica localizado ao leste da península da Indochina, no Sudeste Asiático. Algumas de suas fronteiras atuais incluem a China (inclusive o arquipélago no Mar da China Meridional), Laos e Camboja. Sua capital é a cidade de Hanoi, desde sua unificação, no ano de 1976.



Figura 1: Fronteiras do Vietnã
Fonte: Encyclopedia Britannica Inc, 2024.

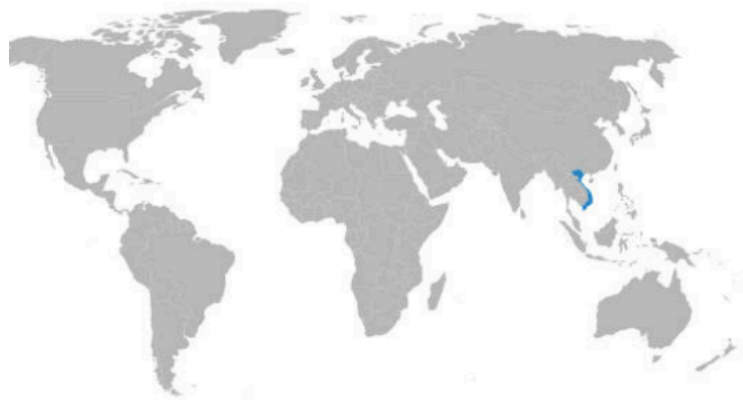


Figura 2: Localização do Vietnã no mundo
Fonte: Mohamed Rasik, 2020.

O Vietnã traz consigo uma rica miscigenação de culturas, uma vez que sofreu diversas ocupações de outras nações em seu território ao longo de sua história. Sofreu influência, portanto, especialmente da China e da França, que trouxeram elementos como a religião confucionista e o cristianismo, que se difundiram pelo país.

Em decorrência da ocupação francesa, o próprio idioma falado no país (vietnamita) sofreu influência do latim na consolidação de seu alfabeto. Assim como a maior parte dos países que sofreram com a colonização de seus territórios, o Vietnã é um país que apresenta um grande histórico de resistência, e a preservação de sua cultura, mesmo ante a influência de tantos outros países, é uma enorme característica da construção social desse povo (Dias, 2024).

Um dos aspectos mais relevantes do Vietnã, no entanto, está em sua geografia. Com uma estreita, porém longa, extensão de terra, o país possui um vasto litoral e seu interior é majoritariamente composto por montanhas e regiões planas, porém com densas florestas. Cerca de 75% de seu território é composto por montanhas, e o terreno florestal correspondia, à época da

Guerra, a mais de 50% do território total. Diante desse contexto, essa foi uma das principais vantagens que o país apresentou durante a Guerra, visto que sua topografia é demasiadamente complexa para que países estrangeiros conseguissem conhecer e dominar a região (Corrêa, *et al*, 2014).

Mesmo na contemporaneidade, o Vietnã se mantém um país socialista, e tem como seu nome oficial o título de “República Socialista do Vietnã”. É, também, um dos países mais populosos do mundo, com cerca de 100 milhões de habitantes, e seu Produto Interno Bruto (PIB) correspondeu ao valor de \$408,8 bilhões de dólares no ano de 2022. Sua economia é majoritariamente voltada para o setor primário (agricultura), visto seu clima subtropical, que proporciona a exploração de atividades agrícolas extrativistas de baixa produtividade, como monocultura de arroz e atividades de subsistência no campo (Corrêa, *et al*, 2014).

3. CONTEXTO HISTÓRICO

3.1. Colonização e Independência

Nos anos formativos do território que hoje compreende o Vietnã, sua região era habitada por diversas comunidades descentralizadas, que especializaram sua cultura em metalurgia e utilização de cerâmicas. Durante o período entre 111 a.C. e 938 d.C., o território da península foi ocupado pela China, e deixou enorme influência, especialmente na estrutura social da região. O domínio francês, no entanto, se iniciou no século XIX (no ano de 1887), quando a Indochina foi definitivamente consolidada enquanto colônia, e observou-se a formação de uma elite social altamente ocidentalizada, que influenciou o movimento de independência do século XX (Dias, 2024).

A Indochina francesa é a região que atualmente engloba os territórios do Vietnã, Camboja e Laos. A administração da França no local era especialmente focada na modernização da infraestrutura, com a construção de portos e ferrovias. Fatores como a exploração de recursos naturais também foi outro aspecto essencial do colonialismo, uma vez que a mão de obra da região era barata, e permitia com que recursos fossem enviados diretamente à França, beneficiando sua economia.

Contudo, conforme se observa na história mundial, a tendência de colônias duramente exploradas é de se voltar para movimentos revolucionários em prol da independência. O domínio francês na região gerou, ao longo do tempo, um crescente movimento de oposição. O principal ator da luta pela independência foi o Vietnã, fundamentalmente motivado por outros movimentos ao redor do mundo, e a influência da Liga de Independência do Vietnã, fundada por Ho Chi Minh.

Outro fenômeno de grande impacto que intensificou as tensões da região foi a Revolução Russa, em 1917. No âmbito do contexto global da luta pela independência do Vietnã, a revolução significou a ascensão do comunismo no mundo, através da luta russa contra o governo czarista¹. Na época, foi formada a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que inspirou fortemente outros movimentos comunistas, como o do Vietnã.

Parte da estratégia para exercício de sua influência ao redor do mundo fez com que a URSS criasse organizações internacionais e financiasse movimentos e partidos comunistas. Dentro desse contexto, foi fundada a Comintern (também conhecida como Internacional Comunista), uma Organização Internacional fundada por Vladimir Lênin no ano de 1919, que proporciona a reunião de todos os partidos comunistas ao redor do mundo, e encorajou o movimento revolucionário vietnamita a se consolidar de forma organizada.

Nesse momento, portanto, é relevante mencionar a atuação de Ho Chi Minh, o principal líder revolucionário do Vietnã. Minh iniciou sua vida política dentro do ativismo no ano de 1919, na França, país em que morava à época. Ao se envolver com uma pequena comunidade indochinesa revolucionária em território francês, Minh fez parte do incentivo às comunidades de povos do sudeste asiáticos em se unir, ainda que ao redor do mundo, para organizarem um movimento de libertação de seus colonizadores.

Ao longo da Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918), diversos soldados vietnamitas lutaram em campos de batalha em prol da França, e essa foi a principal justificativa levantada por Ho Chi Minh e seus aliados para justificar a necessidade do país conceder independência ao Vietnã. Além disso, Minh foi um dos fundadores do Partido Comunista Francês, e também atuou junto à Comintern, em Moscou, nos anos posteriores.

¹ O Czarismo foi o sistema político predominante na Rússia, entre os anos de 1547 até o ano de 1917. Nele, o Imperador (czar) era a autoridade máxima do Poder Executivo. Foi um período marcado por dura repressão estatal e desigualdade social, que gerou resposta agressiva da população para enfim derrubar essa forma de poder. Seu último czar foi Nicolau II.

A luta pela independência do Vietnã, entre os anos de 1927 e 1930, foi marcada por diversos conflitos entre revolucionários vietnamitas e as repressões do exército francês. Um exemplo desse momento da história foi a campanha de assassinatos em massa a oficiais franceses, ocorrida no ano de 1927, na cidade de Hanoi, que gerou forte reação da França, e condenou diversos membros do movimento nacionalista do Vietnã a morte.

Ho Chi Minh consolidou-se enquanto um dos principais agentes da Comintern no mundo, e dedicava-se exclusivamente a servir o Comunismo em escala mundial. A França, desconfiada com a possibilidade do surgimento de movimentos revolucionários fortes e organizados em prol do comunismo, especialmente nos territórios do sudeste asiático, tornou os Partidos Comunistas ilegais na Indochina, no ano de 1939.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, os japoneses ocuparam o território da Indochina, no ano de 1940. O objetivo visado era bloquear o fornecimento de suplementos e demais auxílios para a China, com quem estavam em guerra desde 1937. A ocupação japonesa, no entanto, foi brutal, e gerou um ambiente político de caos. Os franceses passaram a se preocupar majoritariamente em expulsar os japoneses do território, enquanto o movimento revolucionário indochinês conseguiu espaço para se organizar. Ho Chi Minh, portanto, aproveitou a oportunidade e fundou seu partido político, no ano de 1941, chamado VietMinh, também conhecido como a Liga para Independência Vietname. No ano de 1944, o líder já contava com a adesão de cerca de meio milhão de filiados e apoiadores de seu partido.

O principal objetivo do VietMinh era tornar o Vietnã comunista, e sua atuação era principalmente ao norte da região, próximo à fronteira chinesa. Ho Chi Minh, no entanto, foi capturado pelos japoneses e mantido prisioneiro por dois anos, até ser liberado para enfim liderar a luta contra a ocupação do Japão à Indochina.

Somente no ano de 1945 os japoneses passaram a retirar suas ocupações de territórios do sudeste asiático. Contudo, já era tarde para se pensar em uma união do território do Vietnã, uma vez que o sul estava majoritariamente ocupado ainda pelos franceses e o norte sofreu forte avanço do Partido VietMinh, que visava instaurar o comunismo na região. Dessa forma, através da Conferência de Potsdam, realizada entre os dias 17 de julho e 2 de agosto de 1945, o Vietnã foi definitivamente dividido e foram instaurados governos próprios. A divisão do Vietnã foi feita através do Paralelo 16, uma linha latitudinal de divisão do mundo, em que o norte ficou sob

influência de Ho Chi Minh, seu líder, com ocupações do exército soviético, enquanto o sul foi ocupado pela Grã-Bretanha e tornou-se zona de influência do ocidente.

3.2. Primeira Guerra da Indochina

Ainda que a região do Vietnã tenha sido dividida entre norte e sul, havia tropas japonesas ocupando o território, que foram repatriadas. Na Conferência de Potsdam, a China assumiu a responsabilidade de reintegrar as tropas japonesas ao território do norte, e a Grã-Bretanha, junto da França, ao sul. Contudo, a grande meta dos Aliados era acabar com a influência do comunismo liderada por Ho Chi Minh, enquanto o objetivo do norte era de que os franceses se retirassem do território.

Desse modo, no ano de 1946, Ho Chi Minh participou de uma negociação com o governo francês, e concordou com que o Vietnã do Norte fosse identificado como apenas um território independente da Indochina Francesa, e não enquanto uma nação propriamente independente. Após discordâncias acerca de questões que envolvem a divisão (como, por exemplo, impostos de importação), o conflito se iniciou.

Na primeira tarde da Guerra, cerca de 6 mil pessoas morreram. As vantagens comparativas do Vietnã do Norte incluíam o maior número de soldados, mas a França possuía como sua maior aliada a tecnologia da época. A Primeira Guerra da Indochina foi feita em guerrilhas pelo interior do país, em que o VietMinh conseguiu incluir boa parte das tropas japonesas que não desejavam retornar ao Japão.

Os conflitos se arrastaram entre os anos de 1946 e 1954, e o mundo voltou seus olhos para a região. Quando os Estados Unidos da América romperam de fato suas relações com a União Soviética, o fato de o Vietnã ter se tornado um país comunista independente poderia gerar uma reação em cadeia, em que outras nações se sentiriam encorajadas a passar pelo mesmo processo. Como consequência, as Coreias do Sul e do Norte entraram em conflito entre os anos de 1950 e 1953, também no desejo de se consolidar um país independente e comunista.

Dessa forma, instaura-se o contexto da Guerra Fria, em que a preocupação com as zonas de influência do comunismo versus capitalismo tornou-se prioridade das grandes potências. A China interveio na Coreia do Norte, assim como também prestou apoio ao Vietnã de Ho Chi Minh, enquanto os Estados Unidos passaram a financiar cerca de 80% das tropas francesas ao sul.

Em 1954, em decorrência de diversos protestos do povo francês contra a guerra, o país encontrou-se em uma encruzilhada. Era necessário organizar um ataque final para decidir os rumos do conflito. Assim, a França organizou um ataque aéreo, com a força de cerca de 20 mil soldados paraquedistas, que, em um ataque surpresa, entraram em combate com um contingente de cerca de 49 mil homens vietnamitas. O Vietnã do Norte conseguiu abater a maior parte das aeronaves francesas, fazendo-os depender de vigorem nas trincheiras, algo que não ocorreu. Os vietnamitas, devido ao seu alto conhecimento e experiência de sobrevivência na região, dominaram o território contra os franceses ao longo dos dois meses seguintes.

Diante da derrota da França, o Primeiro-Ministro francês, Joseph Laniel, renunciou seu cargo, e o ministro seguinte, Pierre Mendès France, defendeu a retirada das tropas francesas do território da Indochina. Portanto, com as negociações dos chamados Acordos de Genebra, a França efetivamente retirou suas tropas, e concedeu a independência aos territórios de Laos, Camboja e Vietnã do Norte.

A Conferência de Genebra aconteceu no ano de 1954, e foi um momento em que os países sob influência da União Soviética, bem como a China, buscavam melhores relações com o Ocidente, especialmente em função da morte de Josef Stalin. Desse modo, Ho Chi Minh iniciou uma movimentação diplomática em prol da negociação da independência do Vietnã. Seus aliados se prontificaram em apoiar sua campanha política, mas os Estados Unidos da América passaram a investir de forma mais ferrenha tanto na França quanto no domínio direto do Vietnã do Sul, com a intenção de impedir a propagação do comunismo.

3.3. A Guerra Fria

A Guerra Fria foi marcada pelo antagonismo entre dois blocos políticos, um liderado pelos Estados Unidos da América e outro pela União Soviética. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, e a queda da Alemanha Nazista, o cenário político internacional passou por profundas transformações. Houve um momento propício para a ascensão de novas forças, em que a Comunidade Internacional passou a buscar novos objetivos, e delinear a aplicação de novos direitos (como os Direitos Humanos, por exemplo) e a cooperação internacional.

O comunismo, enquanto ideologia política, defende a criação de uma sociedade sem classes sociais. O objetivo central dessa doutrina é a desconcentração dos meios de produção (fábricas, indústrias, terras e explorações de recursos naturais) controlados pelo Estado, e

distribuídos à sociedade de forma equânime. Para que esse processo aconteça, no entanto, os principais pensadores dessa corrente econômica estipularam um momento de transição do processo, chamado “socialismo”. O socialismo é o momento em que o Estado toma o controle da produção econômica, e opta em redistribuir os recursos arrecadados conforme as necessidades da população - visando a isonomia. Nenhum estado nunca chegou ao comunismo, tendo todos falhado em avançar o socialismo para a próxima etapa, por razões diversas e particulares a cada cenário. Diante da contextualização citada, é possível afirmar que países como União Soviética, China, Cuba, Vietnã, Camboja, Coreia do Norte, entre vários outros, entraram na zona de influência da URSS, e lutaram em prol da expansão da doutrina comunista pelo mundo.

A transição da geopolítica foi marcada por confrontos indiretos entre os dois blocos. As chamadas “guerras por procuração”² implicaram em disputas por influência em que, muitas vezes, a justificativa principal para a ocorrência do conflito não necessariamente era explicitamente o impedimento ao avanço do comunismo, mas esse sempre foi um importante fator observado. Desse modo, o conflito no Vietnã não foi diferente.

O Sudeste Asiático foi uma região amplamente explorada politicamente ao longo da Guerra Fria. No período imediatamente após a Primeira Guerra da Indochina, com fim no ano de 1954, conferiu a derrota da França na região, e a assinatura do Acordo de Genebra, que dividiu o Vietnã em duas zonas de influência, uma capitalista (sul) e uma socialista (norte). Assim, a Guerra do Vietnã foi diretamente consequência da Guerra Fria, e durou entre os anos de 1955 e 1975, com as potências internacionais enxergando o conflito como uma oportunidade de expandir sua zona de influência.

Portanto, a Guerra do Vietnã representou mais do que um conflito local. Foi um evento que proporcionou a escalada de tensões globais, essenciais para os rumos da Guerra Fria, e da geopolítica da época. O controle do Vietnã retratou de forma bastante clara as divisões ideológicas presentes entre o ocidente capitalista e o oriente socialista, e fomentou, por exemplo, movimentos sociais contrários à guerra nos Estados Unidos e na Europa.

² “Procuração” refere-se a transferência de poderes que uma pessoa/entidade entrega à outra pessoa para agir em seu nome. Nesse caso, por exemplo, o Vietnã do Norte lutar alinhado aos interesses da União Soviética significava, simbolicamente, que estava atuando não somente em nome de seus interesses próprios, mas também em prol da difusão do comunismo enquanto doutrina política pelo mundo.

4. A GUERRA DO VIETNÃ

4.1. A extensão do conflito

Esse momento é também conhecido como a Segunda Guerra da Indochina, que contou com uma tentativa do Vietnã do Norte em controlar o Sul, para unificar o país. Contudo, ainda havia fatores como os movimentos revolucionários locais, ligados a movimentos de independência e igualdade social que motivaram fortemente o apoio do VietMinh ao conflito.

No ano de 1959, camponeses do Vietnã do Sul deslocaram-se para vilarejos criados especialmente para isolar a população dos Vietcongs, e proteger a fronteira entre as duas regiões. “Vietcong” é o termo abreviado de “Viet Nam Com Sam”, usado para denominar os vietnamitas comunistas do Norte. Além disso, foi aprovado o Decreto nº 10/1959, que tornava qualquer forma de organização para oposição do governo traição à pátria, e trazia consigo duras punições. Desse modo, a população geral do Vietnã foi se tornando cada vez mais tensa e descontente com a escalada dos conflitos, o que fez com que movimentos revolucionários crescessem cada vez mais.

Nesse momento da Guerra, a influência direta dos Estados Unidos da América se consolidou. O governante da época, Ngo Dinh Diem, foi se tornando cada vez mais impopular, tanto entre camponeses quanto nos centros urbanos do país. Dessa forma, o embaixador estadunidense, que estava alocado na cidade de Saigon (capital do Vietnã do Sul), solicitou que John F. Kennedy, o então presidente estadunidense, tomasse medidas para mitigar os prejuízos de seu governo.

Durante sua campanha presidencial, JFK, próximo aos anos de 1960, prometeu que lidaria com a Guerra Fria de forma mais vigorosa. O plano desenvolvido à época era concentrar-se na influência dos países menos desenvolvidos, e espalhar a influência em locais até então negligenciados. Os EUA passaram a defender os movimentos independentes, sob o conhecimento de que países que obtivessem suas independências do ocidente eram mais propensos a se inclinar à influência comunista. No âmbito do Vietnã, no entanto, aumentou significativamente o investimento enviado ao Sul, com o objetivo de fortalecer os soldados locais, e preparar para uma fase de batalha mais agressiva.

Devido à evolução militar do Vietnã do Sul, os vietcongs passaram a adentrar ainda mais as florestas, buscando se esconder, e, com o tempo, foram acumulando ainda mais experiência

para lidar com esse tipo de ambiente. No ano de 1963, o Norte venceu algumas batalhas, o que provocou reações ainda maiores do Sul.

Surgem então, nesse contexto, os protestos da população civil contrários à Guerra. Em junho do mesmo ano, um monge budista ateou fogo em seu próprio corpo, enquanto protestava a favor da igualdade religiosa no Vietnã do Sul. Após esse evento, templos budistas foram saqueados, e diversos religiosos presos. A tensão gerada fez com que o presidente do Vietnã do Sul (Ngo Dinh Diem) fosse pressionado diretamente pelos Estados Unidos para tornar o clima político da região mais ameno, e, como a pressão não surtiu efeitos, o país estipulou como objetivo a derrubada do governo de Diem.

Saigon, a capital do Vietnã do Sul, foi então tomada por soldados estadunidenses, que demandaram a renúncia de Diem. Após uma tentativa de fuga por uma passagem secreta do palácio presidencial, o presidente foi capturado e brutalmente assassinado. Esse fato implica na intervenção direta dos EUA no conflito, que não foi bem aceito pelo Vietnã do Norte. Após esse fato, o presidente americano John F. Kennedy foi assassinado, em 22 de novembro de 1963, e seu sucessor, Lyndon Johnson, assumiu uma postura bem mais agressiva quanto ao conflito.

O assassinato de JFK intensificou a posição estadunidense em prol da luta anticomunista. Com a nação em luto, a aprovação do povo e do Senado foram importantes aspectos que influenciaram sua política externa. Os EUA então apoiaram um novo golpe de estado que tornou o General Nguyen Khanh presidente do Vietnã do Sul, em janeiro de 1964. Os conflitos, no entanto, não estavam nem próximos de terminar. Durante esse mesmo ano, as batalhas se intensificaram, sobretudo na costa do país, através de navios torpedos, com vantagem do Vietnã do Norte.

Em meio a ataques aéreos, navais e terrestres, o presidente Johnson convenceu o Congresso estadunidense a aprovar a Resolução do Golfo de Tonkin, que dava plenos poderes ao presidente para tomar todas as medidas necessárias para resistir às agressões do Vietnã do Norte. No entanto, mesmo com plenos poderes, o contexto em que se encontrava o Vietnã não era nada favorável aos Estados Unidos. O presidente que eles apoiaram, Nguyen Khanh, foi se tornando cada vez mais impopular, o que fez com que ele renunciasse ao cargo em agosto de 1964, após menos de 8 meses no poder. Foi esse, portanto, o principal momento de esgotamento dos EUA, que tiveram dificuldades para traçar próximos planos para o futuro do conflito.

O ano de 1965 foi particularmente decisivo para a Guerra do Vietnã. Os EUA, que até então vinham sofrendo sucessivas derrotas, articulam um plano em duas etapas para conquistar o Norte. A primeira etapa consistia em um bombardeio à trilha de Ho Chi Minh, que ligava o Vietnã ao Laos, e a segunda em um programa de sucessivos bombardeios no Vietnã do Norte, com previsão de duração de até 6 meses. Em março de 1965, os dois planos entraram em execução, e os EUA enviaram cerca de 40 mil tropas de soldados para o Vietnã.

Contudo, a população civil estadunidense já não mais apoiava a guerra. Em abril de 1965, apenas um mês após o início do plano de Johnson, mais de 15 mil pessoas foram às ruas para protestar em desfavor ao conflito. A primeira marcha anti-guerra aconteceu em Washington DC, e países como Reino Unido e Canadá se comunicaram diretamente com o Secretário-Geral da ONU para solicitar que negociações fossem feitas para resolver o conflito. O esforço internacional surtiu efeitos, e o presidente estadunidense e o primeiro-ministro do Vietnã do Norte (que nesse momento era Pham Van Dong), se juntaram para tentar articular um cessar-fogo.

Os vietcongs propuseram um acordo com quatro requisitos obrigatórios para que o acordo de paz fosse assinado, mas o processo não foi adiante, visto que ficou evidente que nenhum dos dois lados estava efetivamente disposto a negociar, mas apenas cederam às pressões internacionais. Isso se deve principalmente ao fato de que o Vietnã do Norte sentia-se confiante de que poderia ganhar o conflito. A China e a União Soviética passaram a apoiar o país militarmente no ano de 1965, e tornaram o apoio ao movimento comunista no sudeste asiático em uma de suas prioridades de governo.

Os EUA, no entanto, não desistiram. No ano de 1966, cerca de 79 mil bombardeios foram efetuados contra o Vietnã do Norte e 108 mil no ano de 1967. Nesses dois anos, 59% das usinas elétricas do Norte foram destruídas, e cerca de 75% de suas reservas de petróleo foram comprometidas. O grande problema para os estadunidenses, no entanto, era que a população do norte era predominantemente rural, e pouco dependia de energia elétrica, além de que países como a China rapidamente enviava recursos para restaurar os estragos causados pelas bombas, além de fornecer alimentos, veículos, geradores e demais suprimentos necessários para garantir a subsistência do povo.

A estratégia do Norte, nesse momento, era resistir, e os EUA estavam focados em acabar com as forças guerrilheiras. Em ataques aéreos, eram lançados desfolhantes para acabar com a vegetação local, e impedir com que os vietcongs se escondessem pelas matas. Em 1967, o

contingente de soldados estadunidenses equivalia a cerca de 1.3 milhões de soldados e sul-vietnamitas em combate, contra cerca de apenas 500 mil soldados do norte. Apesar de vencerem em números totais, os vietcongs eram excelentes em resistir, e, devido à desvantagem numérica e por conhecerem suas condições de batalha, optavam sempre por evitar grandes embates diretos.

Os EUA, preocupados com o futuro dos embates, solicitaram apoio internacional durante toda a extensão do conflito. Países como Coreia do Sul, Austrália, Nova Zelândia, Tailândia, Filipinas e Taiwan enviaram recursos. A dificuldade, no entanto, estava surpreendentemente na busca por apoio de aliados históricos dos EUA, como Reino Unido, França, Canadá e Itália, que se recusaram a enviar recursos, fornecendo apenas apoio diplomático e incentivos para que as negociações acabassem com a Guerra.

Os próprios civis dos Estados Unidos demonstraram através da opinião pública que enxergavam o Vietnã como uma nação que buscava sua independência, e criticaram duramente a posição do país, clamando por paz. No ano de 1968, cerca de 45% dos cidadãos norte-americanos defendiam que a intervenção militar no Vietnã foi um erro.

Em 31 de janeiro de 1968, o Vietnã do Norte lançou a chamada Ofensiva Tet, um conjunto de estratégias militares planejadas para ludibriar soldados americanos, uma vez que ocorreu no dia do Ano Novo Chinês, e era esperado que não houvesse combates nesse dia. Pegos de surpresa, os estadunidenses perderam boa parte do domínio das cidades, inclusive Saigon, a capital do Sul. Estima-se que cerca de 58 mil soldados dos EUA e 1.4 milhões de soldados vietnamitas morreram durante essa semana de ataques. Apesar do início vantajoso para o Norte, houve um alto número de perdas, que deixou ambos os lados fragilizados.

Entre os anos de 1969 e 1972, os conflitos permaneceram truncados. Os EUA tentaram a todo custo dominar o território, mas, devido à longa extensão do conflito no tempo, tanto os militares, quanto os governantes e a sociedade civil já apresentavam sinais de exaustão. Entre massacres e demais mazelas decorrentes da Guerra, o Vietnã do Norte apresentava postura de resistência e agressividade em seus ataques. Em março de 1972, ocorreu a Ofensiva de Páscoa, que exemplifica a estratégia adotada pelo Norte à época. A ofensiva se iniciou com massivos ataques às áreas próximas a Saigon, deixando o Sul cada vez mais vulnerável.

Com o fim da Ofensiva de Páscoa, iniciou-se um processo em prol de negociações finais de paz, para que um cessar-fogo fosse implementado. Diferentemente da tentativa feita anos

antes, ambos os países estavam exaustos, e podiam sentir as consequências de tantos anos de Guerra. Em 1973, foi proposto os Acordos de Paris, que previam a retirada total das tropas estadunidenses do território do Vietnã, e demais promessas de negociações políticas e diplomáticas a acontecer em um futuro próximo, para decidir acerca da unificação do Vietnã.

Em março de 1973, os EUA retiraram definitivamente suas tropas do território vietnamita, o que fez com que a resistência do Vietnã do Sul contra o norte reduzisse drasticamente. Dessa forma, sem o apoio do ocidente, o Sul se submeteu ao controle do Norte. Entre março de 1973 e 1975, ainda houve conflitos na região, especialmente para que os vietcongs conseguissem reprimir os movimentos pró-ocidente do Sul, e dominassem integralmente seu território. Em 30 de abril de 1975, o Norte conseguiu tomar a capital, Saigon, após uma intensa ofensiva final, que marcou o fim da Guerra do Vietnã.

4.2. O Pós-Guerra

Em 2 de julho de 1976 o Vietnã se unificou formalmente, formando a República Socialista do Vietnã. O conflito deixou mais de 2 milhões de mortos, e um grande clima de instabilidade política. Os sobreviventes do conflito, denominados “veteranos de Guerra”, saíram dos confrontos com graves sequelas físicas e psicológicas, que os afetam por toda a vida.

Mesmo com o fim da Guerra, o conflito não se resolveu inteiramente. O novo governo do Vietnã chegou a assassinar milhares de sul-vietnamitas, com campos de trabalho forçado, denominados “campos de reeducação”, que não concordavam com o governo da época. Além disso, os efeitos das armas químicas utilizadas foram sentidos por dezenas de anos após o fim da Guerra, uma vez que os desfolhantes e demais agentes biológicos afetam especialmente as crianças, que em grande parte sofreram sequelas.

Estima-se que os Estados Unidos gastaram entre 350 e 900 bilhões de dólares com o conflito, que sobrecarregou a economia do país, deixando danos complexos de serem reparados. A derrota no conflito proporcionou um enorme descontentamento da população civil em relação ao governo, que tanto insistiu em uma pauta que saiu derrotada. A imagem de “defensor mundial da democracia e liberdade” foi manchada, especialmente vinculados à exposição das atrocidades da Guerra (como os massacres e uso de armas químicas).

Em certa medida, pode-se afirmar que os efeitos do pós-Guerra são sentidos até os dias de hoje, uma vez que os vietcongs deixaram uma profunda marca de derrota na história dos Estados

Unidos. Ficou comprovado, portanto, que países, ainda que pequenos, são capazes de desafiar a Ordem Mundial, e o movimento antiguerra perdura até hoje, com a maior parte dos cidadãos do mundo acreditando que a paz é sempre o caminho a ser tomado.

No âmbito das Nações Unidas, a Guerra do Vietnã gerou importantes impactos que foram tema de diversas discussões ao longo dos anos do conflito e especialmente no pós-Guerra. No ano de 1977, o Vietnã foi admitido enquanto membro oficial da ONU, e enfrentou diversos desafios para sua reconstrução econômica, social e política. A Guerra gerou um alto número de refugiados e desalocação humanitária, fator que levou algumas agências da ONU a mobilizarem recursos como alimentos, reconstrução de infraestruturas, entre outras, para garantir que a população sofresse menos.

5. INTRODUÇÃO ÀS NAÇÕES UNIDAS

A Organização das Nações Unidas (ONU) foi criada após o fim da Segunda Guerra Mundial, no ano de 1945. Essa organização Internacional é sucessora direta da antiga Liga das Nações, que contava com objetivos políticos e sociais similares. O principal objetivo da ONU é garantir a paz, e zelar pelos valores descritos na Carta das Nações Unidas (documento que contém os princípios que visam garantir a vida digna e pacífica, livres de quaisquer manipulações políticas e demais mazelas sociais a todos os cidadãos globais).

A ONU conta com um elenco de 193 países compondo seu corpo. As nações que se comprometem com a Organização são obrigadas a assinarem a Carta das Nações Unidas, e cumprir integralmente seus dispositivos. Dessa forma, garante-se com que todos os membros sejam regidos por valores e objetivos em comum.

A Carta das Nações Unidas é o principal dispositivo que vincula juridicamente os países, e os obriga a cumprir determinadas regras. Em seu Capítulo VII, que versa sobre ameaças à paz e atos de agressão, contempla os artigos 39 ao 51. O mais relevante desses é o Artigo 51, que foi especialmente acionado na Guerra do Vietnã. Em seu 51º dispositivo, a Carta garante o direito à autodefesa às nações atacadas. De acordo com as regras do Direito Internacional, nações que são diretamente agredidas podem tomar medidas para se defender, sem precisarem de autorização do Conselho. Fatores como esse exemplificam a importância do papel das Nações Unidas em conflitos armados.

No mais, as Nações Unidas são subdivididas internamente, para conferir maior eficiência aos trabalhos. São exemplos de divisões, o Conselho de Segurança (CSNU), o Conselho Econômico e Social (ECOSOC), a Corte Internacional de Justiça, o Secretariado, a Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU), entre vários outros.

O Conselho de Segurança, no entanto, é o mais relevante em contextos de Guerra, pelas razões expostas a seguir.

5.1. O Conselho de Segurança

O principal objetivo do Conselho de Segurança é zelar pela paz e segurança internacional. O CSNU é o principal órgão responsável por detectar fatores ameaçadores à paz, assim como demais atos de violência, em escala global. O papel do CSNU é garantir um local de debate democrático entre as autoridades globais, com o intuito de proporcionar conclusões acerca de medidas para manter a paz.

O Conselho de Segurança também pode recomendar métodos para que os países resolvam seus empasses internacionais, mas possui caráter mandatário. Seu caráter mandatário advém da necessidade que a ONU possui de garantir com que os países efetuem fiscalizações em prol do cumprimento integral da Carta das Nações Unidas. O artigo 24 da Carta versa sobre a obrigação dos países em cumprir as decisões que o Conselho determina:

FUNÇÕES E ATRIBUIÇÕES

ARTIGO 24 - 1. A fim de assegurar pronta e eficaz ação por parte das Nações Unidas, seus Membros conferem ao Conselho de Segurança a principal responsabilidade na manutenção da paz e da segurança internacionais e concordam em que no cumprimento dos deveres impostos por essa responsabilidade o Conselho de Segurança aja em nome deles.

2. No cumprimento desses deveres, o Conselho de Segurança agirá de acordo com os Propósitos e Princípios das Nações Unidas. As atribuições específicas do Conselho de Segurança para o cumprimento desses deveres estão enumeradas nos Capítulos VI, VII, VIII e XII (United Nations, 1945).

O artigo cumpre a função de impedir com que países ignorem as decisões do CSNU quando lhes for conveniente. Dessa forma, os membros do Conselho optam por utilizar-se da força (e demais elementos de autoridade) para garantir a paz, sempre que necessário.

Assim, fatores como a autorização do uso da força, negociações de paz e resoluções de conflitos, aplicação de sanções, e demais medidas restritivas, são os principais papéis do Conselho. Além disso, suas deliberações possuem caráter mandatório, o que faz com que os países sejam obrigados juridicamente a cumpri-las. Ao longo da história, no entanto, é possível observar diversos episódios em que países não cumprem com determinações impostas pelo CSNU. Nesse caso, o órgão atua mais eficientemente na implementação de denúncias públicas e pressão diplomática, o que faz com que os países, em regra, optem por obedecer suas deliberações.

5.2. Funcionamento do Conselho de Segurança das Nações Unidas

O Conselho de Segurança das Nações Unidas, desde 1966, é composto por 15 (quinze) membros, entre 5 (cinco) permanentes e 10 (dez rotativos) – eleitos periodicamente. Os membros permanentes, também denominados P5, foram durante a maior parte do conflito: Estados Unidos da América, Reino Unido, República da China (Taiwan), União das República Socialistas Soviéticas (URSS) e França. O P5 é o grupo de países responsável por determinar se as medidas propostas nas resoluções serão aprovadas ou não. Isso acontece uma vez que esses cinco países possuem o “poder de veto”, que determina que todas as resoluções precisam ser aprovadas por unanimidade por eles. Caso um membro do P5 rejeite a resolução, por quaisquer motivos, justificados ou não, ela está automaticamente descartada, e não pode entrar em vigor.

As decisões do Conselho são tomadas de forma colegiada, ou seja, nenhum membro possui autonomia para implementar suas vontades de ofício. Desse modo, um fator importante nas negociações do CSNU são as alianças políticas, que permitem com que países ganhem o apoio necessário para que suas medidas sejam aprovadas.

As principais funções do Conselho de Segurança incluem:

1. Manter a paz e a Segurança Internacional, conforme os princípios das Nações Unidas;
2. Examinar eventuais controvérsias e situações suscetíveis a provocar atritos internacionais;
3. Recomendar métodos para resolução de controvérsias, e indicar condições para possíveis soluções;
4. Formular planos para o regulamento e utilização de armas;
5. Determinar a existência (ou não) de graves ameaças à paz ou demais atos de agressão, bem como providências a serem tomadas.

Outro grande fator a ser considerado acerca do funcionamento do CSNU é sua capacidade de se adaptar às novas dinâmicas da Política Internacional dentro dos diversos contextos que surgem ao longo dos anos. Um importante meio para tal é a escolha representativa de seus membros rotativos, que, em equilíbrio ao peso das potências permanentes, deve ser capaz de propor um debate diversificado e contínuo sobre as mais complexas questões do mundo.

5.3. Importância do Conselho de Segurança na Guerra do Vietnã

A Guerra do Vietnã durou, oficialmente, 20 (vinte) anos. Durante todo esse tempo, o Conselho de Segurança das Nações Unidas desempenhou importantes funções. Ainda que o CSNU possua atuação limitada, os debates e resoluções publicadas repercutem no mundo todo, e corroboram o estabelecimento da paz no mundo.

Nos anos iniciais da Guerra do Vietnã, o Conselho se reuniu diversas vezes com o conflito em pauta. As discussões incluíram, principalmente, a violação da soberania nacional do Vietnã, no momento em que outras nações ocuparam seu território e intervieram no conflito. O impacto do conflito não se limita somente ao território disputado, mas também altera as dinâmicas de poder da região do sudeste asiático como um todo.

As dinâmicas de poder dentro da formação original do CSNU exemplificam perfeitamente a disputa por influência à época. Praticamente todas as propostas elaboradas pelo ocidente (com Estados Unidos, França e Reino Unido) eram vetadas pela China e União Soviética, e vice-versa. Dessa forma, o Conselho tornou-se altamente truncado, e demonstrou sua incapacidade de chegar em conclusões decisivas por diversas vezes. Esse fator explica, também, o motivo de nenhuma ação direta para o fim da Guerra ter sido tomada, uma vez que os países foram incapazes de chegar em um consenso.

O grande papel do CSNU, no entanto, reside na pressão diplomática e nos esforços de negociação para que o conflito chegasse ao fim. Ainda que nenhuma resolução tenha sido aprovada, os debates proferidos com certeza influenciaram outras negociações internacionais, como mesmo os Acordos de Paris (1973). As discussões e deliberações eram capazes de expor ao mundo o funcionamento das dinâmicas de poder, em escala regional e global, e corroboraram a repercussão das mazelas da Guerra no mundo.

A ineficácia do órgão em resolver esse conflito trouxe à academia e aos especialistas em Relações Internacionais diversas críticas, especialmente sobre o papel da ONU nos conflitos

internacionais e o poder que o CSNU possui ao lidar com conflitos de repercussão mundial. Mesmo que os resultados das negociações da época tenham falhado em mitigar os efeitos da Guerra, o caso do Vietnã contribuiu com a nova abordagem do Conselho para conflitos futuros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões citadas, pode-se concluir que a Guerra do Vietnã foi um conflito extremamente complexo e devastador para o mundo inteiro. Potências globais como os Estados Unidos e a União Soviética influenciaram o globo em suas respectivas zonas, e esse conflito é um claro sintoma da Guerra Fria.

A história do Sudeste Asiático foi transformada, e as consequências para a política internacional implicam na convicção de que países, ainda que pequenos, podem resistir às pressões, e tomar os rumos de sua própria independência - desde que apoiados por outras nações. Milhares de vidas foram perdidas, e a população civil da região nunca se esquecerá das mazelas causadas pelo conflito.

Observar e recordar as extensões e características de guerras como essa nos faz compreender melhor quais são as dimensões dos conflitos armados, bem como suas respectivas capacidades de mudar o rumo da história. A geopolítica, amplamente moldada pelas tensões entre comunistas e capitalistas, demonstram uma intensa luta por influência, capaz de repercutir em conflitos locais, e tornar-se palco e pretexto para uma ambição muito maior.

A Guerra do Vietnã é sobre a luta anti-imperialista, sobre a autodeterminação dos povos e processos de independência, além de ter mobilizado milhões de civis ao redor do mundo para lutarem de forma ativa a favor da paz. Soberania nacional, direitos humanos e negociações internacionais são conceitos que foram ainda mais difundidos entre os cidadãos globais, e não se limitaram somente ao plenário do Conselho de Segurança. O conflito trouxe consigo a importância de sempre aprimorar os mecanismos da ONU, bem como a necessidade de adaptar suas abordagens para lidar com conflitos complexos.

O mundo mudou, as dinâmicas de poder se modificam, mas ainda é fundamental insistir em medidas robustas e coordenadas da Comunidade Internacional, para ser capaz de prevenir e remediar grandes crises, como ocorreu no Vietnã. As lições aprendidas entre os anos de 1955 e 1975 ainda reverberam na sociedade, e a complexidade das relações internacionais demonstram a importância de ainda se discutir paz e segurança internacional.

Marco Histórico: 24 de setembro de 1968.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, Ludmila Macedo; PINTO, Eduardo Costa. **Cadeias Globais de Valor e Desenvolvimento: o caso do Vietnã**. Boletim de Economia e Política Internacional, v. 17, p. 89-107, 2014.

DIAS, Solange Irene Smolarek; FIGUEIREDO, Maria Paula Fontana de. **O passado, o presente e o planejamento para o futuro de três países da Indochina francesa: Laos, Camboja e Vietnã**. 11º Simpósio de Sustentabilidade. Fundação Assis Gurgacz. 2024

GOSHA, Christopher. **Historical Dictionary of the Indochina War (1945-1954): an international and interdisciplinary approach**. Copenhagen: NIAS Press, 2011.

HA, Trieu Huy. **Una solución para el final de la Guerra de Vietnam: La Petición del Activismo Budista Ân Quang y La Retirada de Estados Unidos (1969-1972)**. História Actual Online, n. 58, 2022.

HATJE, Vitor Augusto Larrosa. **Uma análise da Guerra do Vietnã perante o Direito Internacional**. Revista Perspectiva: reflexões sobre a temática internacional, v. 12, n. 23, 2019.

KATSIAFICAS, Goerge. **Final Declaration of the Geneva Conference, July 21, 1954**. In: George Katsiaficas (ed.), Vietnam Documents: American and Vietnamese Views of War. Nova York: M. E. Sharpe Inc, 1992

LAWRENCE, Mark. **The Vietnam War: A Concise International History**. Nova York: Oxford University Press, 2008, p. 12.

MANDELBAUM, Michael. **Vietnam: The Television War**. In: Daedalus, volt. 111, no. 4, 1982, p. 157-169.

OFFICE OF THE HISTORIAN. **Memorandum for the Record: 19 of January, 1961**. In: Foreign Relations of the United States, 1961-1963, volume XXIV, Laos Crisis. Disponível em: <[goo.gl/KvyNMM](https://www.gpo.gov/KvyNMM)>.

PHINNEY, Jackie. **And That's the Way It Is: The Media's Role in Ending the Vietnam War**. 2011.

SCHLESINGER, Arthur. **Origins of the cold war**. Foreign Affairs, v. 46, n. 1, p. 22-52, 1967.

UNITED NATIONS. **Charter of the United Nations**. San Francisco. 1945. Disponível em <<https://treaties.un.org/doc/publication/ctc/uncharter.pdf>>. Acesso em: 22 ago 2024.

VISENTINI, Paulo. **A revolução vietnamita: da libertação nacional ao socialismo**. São Paulo: Editora UNESP, 20

APÊNDICE I

PERGUNTAS QUE DEVEM SER RESPONDIDAS AO LONGO DAS DISCUSSÕES.

- 1. O Conselho de Segurança pode exercer algum papel no avanço de negociações de paz que envolvam o fim do conflito entre as partes? Quais são as medidas possíveis para facilitar negociações de paz entre as partes envolvidas no conflito?**
- 2. O envolvimento militar dos Estados Unidos no Vietnã está de acordo com as regras internacionais? Como deve ser vista a interferência estrangeira, militar e não militar, no conflito?**
- 3. É desejável apoiar a unificação do país sob um mesmo governo, ou a manutenção da divisão entre Vietnã do Norte e Vietnã do Sul?**
- 4. Como o Conselho de Segurança pode responder à crescente crise humanitária no Vietnã causada pela Guerra?**
- 5. Quais são as implicações do conflito nos países vizinhos?**
- 6. Como o Conselho de Segurança deve reagir a possíveis violações do Direito Internacional Humanitário e das normas legais para a proteção das pessoas em situação de conflito (Convenções de Genebra)?**

APÊNDICE II - POSICIONAMENTO DOS PAÍSES

BLOCO DA ÁFRICA

ÁFRICA DO SUL

A África do Sul passou pelos anos da Guerra do Vietnã sob o regime do apartheid. Dessa forma, diante de seus conflitos internos, liderados pela minoria branca do país, sustentou a posição neutra durante o conflito. O país era desfavorável ao comunismo, uma vez que as elites acreditavam que o comunismo era uma ameaça. Ainda que não tenha envolvimento direto com o conflito, a África do Sul apoiava o bloco ocidental, e apoiava a luta contra o comunismo no sudeste asiático e África de modo geral.

ARGÉLIA

A Argélia prestou seu apoio ao Vietnã do Norte. O país lutou contra a intervenção dos Estados Unidos, de modo favorável ao comunismo. A Argélia obteve sua independência da França no ano de 1962, e também defendeu a autodeterminação dos povos, libertação nacional e o anti-imperialismo. Dessa forma, a posição que o Vietnã do Norte assumiu era muito parecida com a situação interna de seu país. A Argélia forneceu apoio diplomático e recursos para treinamento dos vietcongs. Portanto, sua política externa é voltada para a solidariedade com demais movimentos de independência e resistência nacional contra os colonizadores.

CAMARÕES

Camarões foi membro do Conselho de Segurança das Nações Unidas no ano de 1975 (fim da Guerra do Vietnã), e foi uma figura relevante para o período pós-Guerra. Durante o conflito, o país manteve a neutralidade, sem nenhuma demonstração nítida de alinhamento para o bloco ocidental, nem para o bloco oriental. Contudo, Camarões compunha o Movimento dos Não-Alinhados, que visavam manter sua independência política diante das tensões geradas pela Guerra Fria. Durante o pós-Guerra, Camarões foi favorável à autodeterminação do povo vietnamita, e foi favorável, por exemplo, à inclusão das duas repúblicas do Vietnã na ONU.

EGITO

Durante a Guerra do Vietnã, o Egito manteve-se favorável ao Vietnã do Norte. Especialmente devido às suas divergências com os Estados Unidos, o Egito acreditava que a ascensão do movimento comunista no mundo poderia lhes beneficiar. Foi um dos líderes do Movimento dos Não-Alinhados, e tomou uma postura anti-imperialista. Dessa forma, o Egito acreditava no direito da autodeterminação dos povos, e chegou a enviar recursos e apoio diplomático ao governo VietMinh.

GABÃO (Membro Eleito)

O Gabão foi menos incisivo que outros países do continente em seu posicionamento a respeito da Guerra. Tendo alcançado a independência da França somente em 1960 (cinco anos após o início da guerra), suas principais contribuições foram no apoio à autodeterminação e à luta contra o imperialismo. Ainda assim, o país não se distanciou de um posicionamento mais alinhado aos interesses ocidentais e ao Vietnã do Sul.

MALI (Membro Eleito)

O Mali foi um dos países que expressou apoio ao Vietnã do Norte e condenou a agressão dos Estados Unidos. O país criticou por diversas vezes, inclusive na Assembleia Geral das Nações Unidas, o envolvimento desta e de outras potências no conflito. Por isso mesmo, sempre saudou a resistência do povo vietnamita e demonstrou pesar em relação às vítimas e ao sofrimento desnecessário. O Mali também foi eleito membro do Conselho de Segurança das Nações Unidas e exerceu a função durante algum tempo dos quase vinte anos de conflito.

NIGÉRIA (Membro Eleito)

A Nigéria adotou uma postura de neutralidade durante o conflito. Especialmente por lidar com desafios internos, como sua própria instabilidade política durante a década de 1960 (quando obteve sua independência), resolveu manter-se nem alinhada ao bloco do ocidente, nem do oriente. Também foi membro do Movimento dos Não-Alinhados, mas simpatizava com o conceito de autodeterminação dos povos, e a luta contra o imperialismo.

MAURITÂNIA

A Mauritânia adotou uma postura de neutralidade durante a Guerra do Vietnã. No ano de 1960, no entanto, o país obteve sua independência, e evidentemente passou a apoiar a luta anti-imperialista e que outros países tivessem o direito de se autodeterminar. Contudo, por enfrentar um contexto interno delicado, repleto de instabilidades políticas, a Mauritânia optou por não se aliar expressamente a nenhum dos lados. Apesar desse contexto, o país foi membro do Conselho de Segurança das Nações Unidas durante o ano de 1975 (fim da Guerra), e foi favorável a, por exemplo, a inclusão de ambas repúblicas do Vietnã na ONU.

TANZÂNIA

Durante a Guerra do Vietnã, a Tanzânia apoiou o Vietnã do Norte. O país lutou contra a intervenção dos Estados Unidos em demais países do mundo, além de ter composto o Movimento dos Não-Alinhados. Era favorável ao anti-imperialismo e à libertação nacional. Diante de sua independência, obtida no ano de 1961, a Tanzânia expressou publicamente sua solidariedade ao Vietnã do Norte em diversos fóruns internacionais. Ainda que não tenha se envolvido diretamente no conflito armado, o país se mostrou aberto às negociações e foi bastante crítico às decisões dos Estados Unidos à época. No ano de 1975, a Tanzânia compôs o Conselho de Segurança das Nações Unidas enquanto membro rotativo, e votou favoravelmente à inclusão do Vietnã do Norte na ONU.

SOMÁLIA

A Somália apoiou o Vietnã do Norte durante o conflito. Apesar de compor o Movimento dos Não-Alinhados, apoiou veementemente a luta contra o imperialismo e a favor da autodeterminação dos povos. O país obteve sua independência no ano de 1960, e aliou-se ao bloco socialista durante a Guerra Fria. Ainda que a Somália não tenha se envolvido diretamente no conflito armado, seu governo prestou apoio diplomático ao VietMinh.

BLOCO DA AMÉRICA LATINA + CARIBE

ARGENTINA (Membro Eleito)

A Argentina posicionou-se de forma neutra durante o conflito. O país, tendo enfrentado várias instabilidades políticas ao longo das décadas de 1960 e 1970, optou por dedicar-se a seus próprios problemas internos. Contudo, uma vez dominado pelo regime militar, o governo argentino optou em manter uma política externa comedida, que não prejudicasse suas relações nem com a União Soviética, nem com os Estados Unidos, dois grandes parceiros comerciais. No entanto, a sociedade civil da Argentina demonstrou apoio ao Vietnã do Norte, e acatou diversas críticas às intervenções americanas no mundo.

BRASIL (Membro Eleito)

O Brasil compôs o Conselho de Segurança das Nações Unidas, enquanto membro rotativo, durante o ano de 1955 (início da Guerra). Durante o conflito, o país passou por um período de governo militar, que adotou uma postura favorável aos Estados Unidos. O regime militar, ao aliar-se ao bloco ocidental na Guerra Fria, buscava apoiar também o movimento anticomunista, ainda que não tenha se envolvido diretamente no conflito armado.

CHILE

O Chile adotou diversas posturas diferentes ao longo dos anos. Entre os anos de 1955 e 1970, o país seguiu majoritariamente uma postura de neutralidade. Com bastante cautela em suas relações diplomáticas, buscou não se comprometer com nenhum dos lados. O Chile preza pelo bom relacionamento com a maioria dos países do mundo, e assim se manteve até a década de 1970. Com a mudança de governo nesse mesmo ano, além da extensão da Guerra no tempo, o país optou em exprimir uma opinião de maior solidariedade ao bloco ocidental, de modo favorável à autodeterminação dos povos e contrários ao imperialismo estadunidense. O país alinhou-se ao socialismo, e passou a simpatizar com o Vietnã do Norte. No entanto, no ano de 1973, o país tomou um golpe militar arquitetado pelos apoiadores de Augusto Pinochet e aliou-se aos Estados Unidos, e assim se manteve até o fim do conflito, defendendo os interesses do bloco ocidental, no período pós-Guerra.

CUBA

Cuba, evidentemente, apoiou integralmente as decisões do Vietnã do Norte. Durante a liderança de Fidel Castro, o país foi uma das maiores nações propagadoras do socialismo no mundo. O país resistiu bravamente às tentativas de intervenção dos Estados Unidos, e forneceu apoio material, diplomático e financeiro ao bloco oriental. Cuba organizou, ao longo dos anos, diversos eventos e conferências para influenciar e mobilizar o apoio internacional em prol da causa comunista. Foi um dos principais opositores dos Estados Unidos, e, apesar de não ter se envolvido diretamente com o conflito armado, assistiu o Vietnã do Norte de diversas outras formas.

COSTA RICA

Costa Rica optou por manter sua posição de neutralidade em relação à Guerra. O aspecto do não-alinhamento aos conflitos armados faz parte da tradição diplomática do país, que teve seu exército abolido no ano de 1949. Contudo, a nação sempre ofereceu um posicionamento equilibrado, e manteve um bom relacionamento com os Estados Unidos, seu principal parceiro comercial. No ano de 1975, quando o conflito se encerrou, a Costa Rica era parte do Conselho de Segurança das Nações Unidas, e votou contrariamente à inclusão das duas repúblicas do Vietnã na ONU.

COLÔMBIA (Membro Eleito)

A Colômbia ocupou uma posição no Conselho de Segurança das Nações Unidas durante alguns dos quase vinte anos de duração da Guerra do Vietnã. Enquanto membro da Organização dos Estados Americanos e país alinhado aos Estados Unidos durante a Guerra Fria, buscou se posicionar favorável aos posicionamentos americanos. Contudo, sem deixar de entender que o único policiamento legítimo da Ordem Internacional é o das Nações Unidas. De acordo com posicionamentos da liderança na época, o fato de o conflito continuar enquanto os países, em um sistema criado para preservar a paz, são incapazes de tomar qualquer ação para alterar seu curso fatal, ressaltaria a necessidade de reformas que tornassem a ONU mais inclusiva e independente dos interesses imperialistas.

EQUADOR (Membro Eleito)

O Equador, assim como outros países do Continente Americano, tendeu a apoiar os posicionamentos estadunidenses ao longo do conflito. O país defendia o combate ao comunismo

e reconhecia-se unido aos EUA por princípios, ideais e tradições. O Equador apoiava o combate ao comunismo e entendia que a ação estadunidense na Guerra era a consequência de uma tentativa, que teve que passar pelo uso da máquina de Guerra, de garantir a democracia no Vietnã. Assim como a Colômbia, ocupou uma posição no Conselho de Segurança das Nações Unidas durante um período da Guerra.

GUIANA

A Guiana posicionou-se de forma neutra no conflito, mas defendia alguns valores compatíveis com o Vietnã do Norte. O país defendia, no âmbito de sua política externa, a autodeterminação dos povos e a importância de nações pequenas resistirem às pressões internacionais das grandes potências. Durante a Guerra em si, o país obteve sua independência, do Reino Unido, no ano de 1966, e definitivamente compreendia o movimento de resistência dos comunistas ao norte. Contudo, por ser um pequeno país, dentro da zona de influência estadunidense, optou por não confrontá-los diplomaticamente, temendo uma retaliação econômica. A Guiana também foi membro do Conselho de Segurança das Nações Unidas no ano de 1975, e votou favoravelmente à inclusão das duas repúblicas do Vietnã na ONU.

MÉXICO

O México, apesar de defender a autodeterminação dos povos e movimentos de independência no mundo, tem os Estados Unidos como seu principal parceiro comercial. Dessa forma, o país optou por defender a neutralidade diplomática no conflito. Em uma posição delicada, o México, apesar de compartilhar com alguns sentimentos comuns com o Vietnã, buscou preservar seus interesses, e não se comprometer diplomaticamente. Ainda que sua população civil e parte do governo tenha criticado veementemente a postura dos EUA no conflito, o país não chegou a se pronunciar publicamente favorável a nenhum dos lados.

PERU

O Peru adotou variadas posturas ao longo da extensão do conflito. No início, em 1955, o país compunha o Conselho de Segurança das Nações Unidas, e defendeu a neutralidade diplomática. A esperança do país era de manter uma boa relação tanto com o bloco ocidental quanto com o oriental. No entanto, em 1968 o país sofreu um golpe militar, e ficou sob a

liderança de Juan Velasco Alvarado, que foi crítico, publicamente, ao posicionamento estadunidense de intervenção no Vietnã. Até o fim do conflito, o Peru defendeu os movimentos anti-imperialistas, alinhados ao Vietnã do Norte. No pós-Guerra, por fim, retornou à sua posição inicial neutra.

URUGUAI

O Uruguai aliou-se indiretamente aos Estados Unidos durante a Guerra. Entre as décadas de 1960 e 1970, o país mantinha forte relacionamento com os EUA e as demais potências do ocidente. Ainda que não tenha se envolvido diretamente no conflito, sempre mostrou-se tendencioso a apoiar os interesses estadunidenses, e nunca demonstrou repúdio público às intervenções feitas no Vietnã. À época, seus principais parceiros comerciais estavam na zona de influência dos Estados Unidos, e contrariar seus interesses prejudicava os interesses nacionais.

BLOCO DA ÁSIA + PACÍFICO

CAMBOJA

O Camboja tentou manter uma postura de neutralidade no conflito. Contudo, seu território foi invadido em diversas ocasiões ao longo da Guerra, e foi usado especialmente pelo Vietnã do Norte como parte de sua rota de transporte de suprimentos e refúgio aos civis. Diante desse fator, Camboja foi vítima de diversos bombardeios por parte dos Estados Unidos, especialmente entre os anos de 1969 e 1971. As bombas geraram muita destruição, o que deixou um cenário de instabilidade no país e o forçou a aderir um posicionamento. Em 1970, o general Lon Nol operou um golpe de estado e instituiu um novo governo pró-Occidente que, apesar de ter causado certa resistência interna nos cidadãos, apoiou os Estados Unidos.

COREIA DO NORTE

A Coreia do Norte, enquanto um dos principais exemplos do estabelecimento de um governo socialista no mundo, apoiou integralmente o Vietnã do Norte. O país forneceu apoio material, ideológico e diplomático, com o objetivo de lutar contra o imperialismo estadunidense,

e implementar o comunismo no mundo. No âmbito militar, estima-se que a Coreia do Norte tenha enviado cerca de 300 mil soldados ao Vietnã, além do fornecimento de força aérea, de artilharia e suprimentos como munição. O país condenou amplamente a atuação dos Estados Unidos no território vietnamita, e foi um importante veículo para a aproximação do Vietnã do Norte à União Soviética.

COREIA DO SUL

A Coreia do Sul apoiou os Estados Unidos. Ao longo da Guerra, a Coreia do Sul forneceu bastante apoio econômico e militar aos Estados Unidos, principalmente com o envio de tropas para apoiar o Vietnã do Sul nos combates. Entre os anos de 1965 e 1973, estima-se que a Coreia do Sul tenha enviado cerca de 300 mil soldados para lutar nas batalhas, o que lhe confere o título de país estrangeiro que mais enviou contingente militar para o confronto, perdendo apenas para os Estados Unidos, que se envolveu diretamente. As tropas sul-coreanas eram particularmente notadas por sua grande eficiência nos combates e alto índice de disciplina, e receberam, em troca de seus serviços, enormes incentivos financeiros dos Estados Unidos - relevantes para a reconstrução do país, que acabava de passar pela guerra civil de separação contra a Coreia do Norte.

CHINA

A China foi um dos maiores apoiadores do Vietnã do Norte. Seu apoio incluiu o reforço ideológico do socialismo, apoio militar, econômico e diplomático. O país arquitetou diversas estratégias para proteger seus interesses políticos através do embate no Vietnã. A maior pauta sustentada pelos chineses é a luta contra o imperialismo dos Estados Unidos, que o fez fornecer armas, soldados, munições e demais suprimentos militares de alta tecnologia. O principal objetivo da China, contudo, não era a libertação do Vietnã em si, mas espalhar sua influência no sudeste asiático. Ainda que a União Soviética também fosse outro grande influenciador do conflito, durante boa parte do Século XX ambos países entraram em divergência quanto às linhas políticas socialistas que seguiam. A competição ideológica entre China e URSS fez com que os chineses buscassem ao máximo limitar a influência soviética no Vietnã (embora parecesse impossível).

A China, como um dos membros do P5, também temia que seu envolvimento direto no confronto servisse de justificativa para um confronto direto com os Estados Unidos. Desse modo, foi bastante cautelosa em seu apoio, e buscou evitar que o confronto tomasse maiores escalas, que o levassem a potencialmente envolver diretamente parte de seu território nacional.

No período pós-Guerra, no ano de 1979, a China entrou em uma breve guerra com o Vietnã. O conflito incluiu, principalmente, disputas por poder e território, o que demonstra que seu apoio ao país não era incondicional.

ÍNDIA

A Índia sustentou a posição de neutralidade oficial perante o conflito. O país simpatizava com a luta do Vietnã do Norte, especialmente em aspectos que envolvem a autodeterminação dos povos, o anti-imperialismo e a liberdade política. Entretanto, na Guerra Fria, alinhar-se a qualquer um dos blocos oficialmente significava perder boa parte do apoio do outro lado, e a Índia resistiu para que não perdesse suas parcerias comerciais. Durante as negociações dos Acordos de Genebra, em 1954, a Índia foi um importante incentivador da paz, e era favorável à reunificação do Vietnã. No ano de 1972, próximo ao fim do conflito, a Índia estabeleceu oficialmente suas relações diplomáticas com o Norte, e promoveu diálogos abertos acerca das melhores maneiras para conter os conflitos.

Em diversas ocasiões, o governo indiano teceu críticas às atitudes dos Estados Unidos, o que gerou algumas tensões diplomáticas entre os dois países, embora essas não tenham escalado para o rompimento de suas relações bilaterais.

IRÃ

O Irã compunha o CSNU no ano de 1955, quando o conflito se iniciou e, durante boa parte da Guerra, manteve-se alinhado aos Estados Unidos. O país era um importante aliado do bloco ocidental no Oriente Médio, e prestou apoio diplomático às atitudes dos EUA. O Irã defendia que o avanço do comunismo no mundo era perigoso, e também forneceu armas e munições, assistência com suprimentos militares e apoio econômico.

É relevante mencionar, contudo, que no ano de 1979 o Irã sofreu uma enorme revolução social, que o tornou completamente aliado ao Oriente. Os costumes conservadores e religiosos tomaram conta do país. Embora esse fenômeno tenha acontecido após a Guerra do Vietnã, é um

demonstrativo de que haviam movimentos internos no país que discordavam com a posição oficial do governo desde antes.

IRAQUE (Membro Eleito)

O Iraque apoiou o Vietnã do Norte. O país possui duras críticas às intervenções dos Estados Unidos, e era de acordo com o movimento de libertação do Norte. A posição diplomática oficial do Iraque enxergava a atuação dos Estados Unidos como uma agressão a um movimento legítimo em prol da independência e autodeterminação. Principalmente em fóruns internacionais e através da disseminação de propagandas internacionais, o Iraque defendia o socialismo, e mantinha boas relações diplomáticas com a União Soviética e seus aliados. O país contribuiu, ainda que em menor escala se em comparação com países como a China, com suprimentos e ajuda financeira, visando com que o Vietnã se mantivesse firme contra o imperialismo.

O Iraque foi membro do CSNU durante o ano de 1975, quando houve o fim oficial da Guerra, e apoiou a entrada tanto do Vietnã do Norte quanto do Sul na ONU.

JAPÃO (Membro Eleito)

O Japão forneceu apoio indireto aos Estados Unidos. Embora seja um dos principais aliados dos EUA no continente asiático, com o fim trágico da Segunda Guerra Mundial (com as bombas que atingiram as cidades de Hiroshima e Nagasaki), o país desenvolveu um sentimento de desconfiança em relação aos estadunidenses. Ainda que não tenham se envolvido militarmente no conflito, os japoneses prestaram apoio diplomático ao bloco ocidental. Além disso, o Japão também foi um importante aliado no âmbito logístico da Guerra, e suas bases militares, portos e aeroportos foram utilizadas como apoio tanto para transporte de tropas quanto para o escoamento de suprimentos e demais equipamentos militares.

A Guerra também fez com que o Japão obtivesse um relevante crescimento econômico na década de 1960, que foi estimulado pela prestação de seus serviços durante os conflitos. O movimento antiguerra internamente também foi uma vertente bastante apoiada, em que diversos estudantes e sindicalistas posicionaram-se fortemente contrários ao conflito, que pressionava também o governo japonês a apoiar seu não envolvimento.

LAOS

Laos foi um país amplamente afetado pela Guerra do Vietnã, em decorrência de sua posição geográfica, que estava entre a zona de influência do Vietnã do Norte e do Sul. A partir do ano de 1964, o conflito armado invadiu parte de seu território, que se tornou campo de batalha entre ambos os lados. O país também sofreu com bombardeios, uma vez que alguns guerrilheiros utilizavam o país como rota de fuga para suprimentos e esconderijos militares. O governo de Laos, no início do conflito, tentou se manter neutro, na esperança de que os combates não os afetassem. Contudo, a partir do momento em que seu território foi também comprometido, Laos precisou se render ao apoio dos Estados Unidos, que ofereceu certa blindagem à região, impedindo com que os comunistas do Norte invadissem território a dentro. No ano de 1973, com a retirada oficial dos Estados Unidos do conflito, os acordos de paz proferidos incluíam o fim das hostilidades em Laos, mas o país ainda lutou contra a dominação comunista até o ano de 1975.

TAIWAN (Membro Permanente)

Taiwan foi um importante representante político de um território que busca a independência da China, mas ainda não obtinha o devido reconhecimento internacional. Dentro da China, esse povo apoiava os Estados Unidos, bem como não concordava com a disseminação do socialismo no Sudeste Asiático. Após a Guerra Civil do Taiwan contra a China, o qual saiu perdedor, seu governo local tornou prioridade a resistência à China, embora não tenha se envolvido diretamente com a Guerra do Vietnã. Taiwan considerava o movimento socialista opressor, e sustentou seu apoio ao Vietnã do Sul, principalmente através da cooperação com os Estados Unidos, e demais aliados anticomunistas.

TURQUIA

A Turquia compunha o CSNU no ano de 1955, quando a Guerra se iniciou. Desde o princípio, a Turquia se aliou ao bloco dos Estados Unidos e à OTAN, embora não tenha se envolvido diretamente no embate. A Turquia apoiou a intervenção estadunidense no Vietnã, e comprometeu-se a combater o socialismo. O país enfrentava desafios de segurança durante a Guerra Fria, especialmente por outros países próximos de seu território aliados à União Soviética, que também enfrentavam outros conflitos relacionados ao Oriente Médio. A Turquia forneceu suas bases militares em apoio aos EUA, e o movimento antiguerra por parte dos civis não vingou no país.

VIETNÃ DO NORTE

O Vietnã do Norte esteve sob o governo do Partido Comunista, e buscava a unificação do país sob o governo socialista. Seus principais objetivos incluíam a reunificação através da luta armada, e mobilizou a população (composta majoritariamente por trabalhadores rurais e guerrilheiros) a comporem seu exército. A estratégia da guerra popular foi bastante eficaz, uma vez que os civis conheciam os limites e vantagens de seu próprio território, e conseguiam lidar muito bem com as adversidades como relevo e vegetação nativa. Os VietCong (movimento de guerrilheiros) foi apoiado pelo governo local, além de também ter recebido apoio massivo de países como a União Soviética. O país clamou por apoio internacional durante toda a Guerra, e recebeu suporte em forma de armas, equipamentos estratégicos, suprimentos militares e apoio diplomático.

VIETNÃ DO SUL

O Vietnã do Sul foi majoritariamente apoiado pelos Estados Unidos da América, e boa parte do bloco ocidental optou por não se envolver diretamente no conflito. Muitos países optaram por manter sua independência do conflito, e o Sul buscava se manter livre, fora da zona de influência comunista. A preservação de sua autonomia, bem como o desenvolvimento de relações econômicas com os EUA, foram prioridades da região, e sua posição política foi um enorme pretexto para a tentativa de barrar a disseminação do comunismo no Sudeste Asiático. Um dos maiores problemas enfrentados pelo Sul, no entanto, foram os escândalos de corrupção e instabilidade política causados por seus governantes durante os conflitos, que o levaram a perder apoio de parte de seus civis (que compunham o exército).

BLOCO DA EUROPA OCIDENTAL

ALEMANHA OCIDENTAL

Durante a Guerra do Vietnã, a Alemanha Ocidental tentou manter sua posição oficial de neutralidade diante da Guerra. Ainda que não tenha se envolvido diretamente nos embates, o país eventualmente foi pressionado a prestar apoio à OTAN e ao bloco ocidental. Contudo, a

Alemanha Ocidental conseguiu não se envolver militarmente no conflito, e voltou seu apoio diplomático e econômico para o estabelecimento da paz e da estabilidade política no Sudeste Asiático. Embora sua posição internacional seja alinhada com o Ocidente, internamente, os alemães foram muito críticos ao envolvimento dos Estados Unidos no conflito, e o movimento pacifista teve o seu auge durante a Guerra do Vietnã.

BÉLGICA

A Bélgica, enquanto país membro da OTAN, sustentou a defesa ao Ocidente, contra o Vietnã do Norte. Contudo, apesar do apoio prestado, buscou não se envolver diretamente na Guerra. O país prestou apoio diplomático e humanitário ao Vietnã do Sul, e constantemente expressou publicamente sua preocupação com os impactos do conflito, e a importância de chegarem a um acordo de paz rápido. A Bélgica foi parte da composição do Conselho de Segurança das Nações Unidas no ano de 1955, quando o conflito teve seu início oficial, e sempre advogou em prol da paz na região.

ESPANHA

A Espanha apoiou o bloco Ocidental, junto à posição dos Estados Unidos. Durante a Guerra do Vietnã, ainda que não tenha se envolvido militarmente com o conflito, foi um importante aliado anticomunista na Europa. O país manifestou apoio público em diversas ocasiões à luta contra a ascensão do socialismo no mundo, e também se preocupou com a vitória do Vietnã do Norte. Durante boa parte da Guerra, a Espanha estava sob o governo ditatorial de Francisco Franco e, aliado aos EUA, forneceu apoio logístico em seu território para o conflito. Bases militares espanholas foram amplamente utilizadas pelos estadunidenses como apoio no continente, mas esse foi o máximo de envolvimento que o país apresentou.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (Membro Permanente)

Os Estados Unidos, amplamente guiados pela Doutrina Truman, acreditavam ser essencial conter o comunismo no mundo. A queda do Vietnã do Sul significaria a geração de um “efeito dominó” na propagação dos ideais socialistas, que prejudicam amplamente sua política externa e relações comerciais. O país interveio não somente no Vietnã, mas também na Coreia do Norte, que, à época, enfrentava um contexto similar. Os EUA prestaram apoio militar, econômico,

político e diplomático massivo em prol do Sul, e lutaram até o esgotamento de seus recursos em prol da contenção do comunismo. Estima-se que até o final do conflito os EUA tenham mobilizado cerca de 500 mil soldados no auge das batalhas, o que esteve entre os fatores que levaram a população civil do país a se posicionar contrariamente ao governo, gerando alguns conflitos internos. O país se retirou oficialmente do Vietnã no ano de 1973, ainda que o conflito tenha se estendido até o ano de 1975, até os socialistas tomarem a capital do Vietnã do Sul, Saigon.

FRANÇA (Membro Permanente)

A França, que colonizou o território da Indochina Francesa, que posteriormente se autodenominou enquanto o país Vietnã, possuía a reputação de potência colonial no Sudeste Asiático. A França foi o primeiro país a sofrer com os efeitos da Revolução Comunista, durante a Primeira Guerra da Indochina. Os franceses perderam para o Vietnã do Norte no ano de 1954 e, a partir desse momento, optaram por se retirar do território. Diante desse contexto, optaram por não intervir diretamente na Guerra do Vietnã, de modo a reconhecer a independência do país. Além disso, a França, ainda que fosse aliada dos Estados Unidos e dos demais países do Ocidente, optou por não demonstrar apoio público a nenhum dos lados, e focou em manter boas relações políticas, econômicas e diplomáticas com ambos os lados vietnamitas. As influências da França na região são observadas até os dias de hoje, o que fez com que seu envolvimento militar se tornasse dispensável para se impor na região. Nos anos finais da Guerra, o governo francês criticou amplamente as atitudes estadunidenses, e reforçou sua posição de negociações em prol da paz.

ITÁLIA

A Itália optou por manter uma posição aliada à OTAN e aos Estados Unidos durante a Guerra do Vietnã. Contudo, sua principal pauta envolvia as negociações de paz, e advogou em prol da resolução pacífica do conflito. A Itália não teceu críticas às atitudes estadunidenses ao longo da Guerra, e optou por não se envolver diretamente no conflito (com apoio militar, por exemplo). O posicionamento do governo, no entanto, não refletiu completamente o sentimento da sociedade civil. Nesse aspecto, surgiram movimentos pacifistas, não necessariamente vinculados ao socialismo, que buscavam exercer pressão nos governantes para proporcionar negociações

para a paz. A Itália foi parte do Conselho de Segurança das Nações Unidas no ano de 1975, quando ocorreu o fim oficial da Guerra, e foi favorável ao fim dos confrontos militares, às discussões diplomáticas e ao restabelecimento da paz na região.

NORUEGA

A Noruega posicionou-se de forma neutra perante o conflito. Apesar de ser membro da OTAN e possuir diversos aliados do bloco ocidental, o país optou por não se envolver de nenhuma forma no conflito. O governo norueguês temia ter suas relações comerciais comprometidas, e defendeu a paz e a resolução pacífica dos conflitos. Embora não tenha enviado contingente militar, o país auxiliou com assistência humanitária, especialmente no acolhimento de refugiados, além de ter mediado diversos debates que visavam a resolução da Guerra.

NOVA ZELÂNDIA

A Nova Zelândia foi parte do Conselho de Segurança das Nações Unidas durante o ano de 1955, quando o conflito se iniciou oficialmente. Durante todo o período da Guerra, o país se alinhou aos Estados Unidos, especialmente em função de um pacto de defesa mútua celebrado entre eles, o ANZUS (Tratado de Segurança entre Austrália, Nova Zelândia e Estados Unidos), que vigorava à época. O país também temia a expansão do comunismo no mundo e visava manter um bom relacionamento com o Ocidente. A Nova Zelândia chegou a enviar apoio militar diretamente ao Vietnã do Sul, especialmente com ajuda técnica especializada, como tropas de engenheiros militares. Conforme o desenrolar do conflito, o país optou por retirar suas tropas de soldados a partir do ano de 1971, quando sinais concretos passaram a apontar que os EUA sairiam perdedores.

PAÍSES BAIXOS

Os Países Baixos apoiaram os Estados Unidos durante o conflito, ainda que não tenham se envolvido diretamente na Guerra. O país é membro da OTAN, e, por isso, manteve a postura de combate ao socialismo na região do Sudeste Asiático. Embora a sociedade civil neerlandesa tenha se revoltado contra a intervenção do Ocidente no Vietnã, o governo se manteve firme no apoio aos EUA. Contudo, nos anos finais da Guerra, quando o conflito já se estendia bastante no tempo e havia indícios de que os Estados Unidos sairiam perdedores, os Países Baixos reforçaram

seu apoio diplomático em favor da resolução pacífica do conflito, por meio de negociações diplomáticas.

REINO UNIDO (Membro Permanente)

O Reino Unido optou por não se envolver diretamente na Guerra do Vietnã, com uma postura oficial de neutralidade diplomática. Ainda que fosse um dos principais aliados dos Estados Unidos e do bloco ocidental, não enviou tropas militares durante o confronto. O país lidava com intensas questões domésticas, relacionadas a outros movimentos de independência, como o conflito na Malásia. Dessa forma, para evitar os gastos financeiros e o desgaste político que as guerras proporcionam, o Reino Unido se limitou a exercer papel diplomático, especialmente enquanto mediador de negociações que buscavam a paz.

SUÉCIA (Membro Eleito)

A Suécia foi um dos maiores críticos dos Estados Unidos no bloco da Europa Ocidental. Durante toda a extensão do conflito, posicionou-se favoravelmente ao Vietnã do Norte, condenando publicamente a intervenção dos Estados Unidos. Apesar de buscar manter a postura de neutralidade diplomática, optou por defender os direitos humanos e a autodeterminação dos povos, o que tornou inviável continuar apoiando o envolvimento estadunidense nas batalhas. Essa posição gerou sérias tensões diplomáticas, e os EUA chegaram a retirar seu embaixador do território sueco.

O país também foi parte do Conselho de Segurança das Nações Unidas no ano de 1975, quando foi declarado o fim oficial do conflito. Na ocasião, os diplomatas responsáveis expressaram a simpatia que o povo sueco possuía pelo povo vietnamita, e reforçaram o seu apoio ao movimento pela liberdade e independência. Ao longo dos anos, a Suécia acolheu refugiados da Guerra, além de prestar amplo apoio humanitário.

SUIÇA

A Suíça possui um vasto histórico de neutralidade diplomática. O país é conhecido internacionalmente por desempenhar a função de mediador diplomático. A Suíça promoveu o diálogo internacional, especialmente em órgãos como as Nações Unidas, e a conferência de Genebra ocorreu em seu território (no ano de 1954). Além das negociações internacionais, o país

também proporcionou auxílio e suporte humanitário para os civis do Sudeste Asiático, com organizações como a Cruz Vermelha, que enviaram médicos, engenheiros e demais suplementos para auxiliar crianças e soldados feridos, vítimas da Guerra.

BLOCO DA EUROPA ORIENTAL

ALBÂNIA

A Albânia se posicionou alinhada ao Vietnã do Norte, de forma crítica às intervenções do Ocidente no Sudeste Asiático. O país passou por um regime socialista, e sua política externa era voltada para prestar apoio aos demais movimentos socialistas pelo mundo. No conflito entre as políticas externas da China e da União Soviética, a Albânia optou por se manter alinhado à China, e se manteve firme em sua posição anti-imperialista. Apesar de não ter se envolvido militarmente no conflito, o país foi um importante aliado do Vietnã do Norte, especialmente em fóruns internacionais.

ALEMANHA ORIENTAL

A Alemanha Oriental adotou uma postura de apoio ao Vietnã do Norte. O país se posicionou contrariamente à intervenção dos Estados Unidos no Vietnã, e apoiava a independência do Vietnã do Sul. Enquanto um estado socialista dentro da zona de influência da União Soviética na Europa, o país compreendia que o socialismo vietnamita era essencial para a ascensão do comunismo no mundo. A luta contra o imperialismo capitalista era prioridade de sua política externa, e seu apoio ao Vietnã do Norte foi feito em forma de propagandas e forte esforço diplomático na defesa de suas ideologias, embora não tenha se envolvido militarmente com a Guerra.

IUGOSLÁVIA

A Iugoslávia tentou se manter neutra, mas com o desenrolar do conflito acabou se manifestando favoravelmente ao Vietnã do Norte, contudo, sem envolvimento direto militar. Mesmo que não estivesse na zona de influência do socialismo, a Iugoslávia apoiava os ideais de autodeterminação dos povos, independência e liberdades nacionais. O país foi um importante

defensor das negociações de paz, e utilizou de sua influência em fóruns internacionais para clamar pelo fim da Guerra. Sua postura, no entanto, foi cautelosa, uma vez que buscou não se indispor diretamente com nenhum dos lados, especialmente por motivos econômicos. As críticas feitas às atitudes dos Estados Unidos foram percebidas por eles, e causaram leves tensões diplomáticas.

HUNGRIA

Ao longo do desenrolar dos conflitos, a Hungria foi aliada do Vietnã do Norte. O país fazia parte da zona de influência da União Soviética, e apoiava o socialismo, tanto nacionalmente quanto no restante do mundo. A Hungria foi um dos principais críticos às intervenções estadunidenses, e participou de campanhas diplomáticas contrárias ao imperialismo dos Estados Unidos. No início dos conflitos, a Hungria se limitou a apoiar o Norte no âmbito político e democrático, mas, com o tempo, optou por fazer campanhas mais ativas em prol do comunismo, e militou em favor de políticas de interesse da União Soviética no Vietnã.

POLÔNIA

A Polônia era um importante aliado do bloco oriental durante a Guerra Fria. O país adotou uma postura evidentemente em acordo com os ideais do Vietnã do Norte, e teceu duras críticas às atitudes dos Estados Unidos. A Polônia foi ativa em fóruns internacionais, e defendeu o fim do imperialismo e o direito de se autodeterminar dos vietnamitas. O principal apoio do país, no entanto, foram suas iniciativas propagandistas em prol do comunismo, além da solidariedade prestada.

ROMÊNIA

Ao longo da Guerra do Vietnã, a Romênia, ainda que parte da zona de influência do bloco oriental, optou por manter uma postura independente no conflito. Com o objetivo de evitar seu comprometimento com ambos os blocos, a Romênia, apesar de ter proferido críticas aos Estados Unidos, manteve-se aberta para negociações com o bloco ocidental. Além disso, não enviou suporte militar ou diplomático em prol do conflito, mas sempre advogou em prol da paz. Nos fóruns internacionais, a Romênia optou por manter um canal de diálogo aberto, e acreditava que a resolução do conflito era a melhor alternativa para o mundo.

TCHecoslovÁQUIA

A Tchecoslováquia compunha o bloco comunista durante a Guerra Fria. Desse modo, prestou apoio ao Vietnã do Norte e criticou duramente as atitudes dos Estados Unidos da América. Seu governo defendeu a independência, a liberdade e a autodeterminação do povo vietnamita, além de participar de forma ativa das campanhas diplomáticas e de propaganda que promoviam a causa do Vietnã do Norte. No mais, o país não se envolveu diretamente com o conflito, e se limitou à prestação de apoio na esfera internacional.

UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS SOVIÉTICAS - URSS (Membro Permanente)

A União Soviética foi um dos maiores responsáveis pela escalada dos conflitos durante a Guerra do Vietnã. Enquanto o maior exemplo socialista no mundo, o país buscou exercer sua influência para muito além de suas fronteiras, e utilizou o Vietnã como um pretexto para obter maior apoio político e, conseqüentemente, poder, em uma escala global. A URSS forneceu massivo apoio militar, com armamentos, assistência técnica especializada, apoio político e diplomático em fóruns internacionais. Além disso, a União Soviética mobilizou praticamente todos seus aliados para condenar publicamente a intervenção estadunidense no território vietnamita, o que fez com que muitas nações neutras optassem por não se envolver diretamente no conflito.

A estratégia soviética para ampliar sua influência no mundo incluía o combate ao imperialismo ocidental, que fez com que a URSS se tornasse a maior referência na defesa de movimentos revolucionários ao redor do mundo.